

PROGRAMAÇÃO

• 27.08.2001

Abertura oficial
Horário: 19:30 h

Virtude moral e prudência em Aristóteles

Prof. Dr. Marco Zingano (USP)

Debatedor: Prof. Dr. José Beluci Caporalini (UEM)

Local: Auditório da **ADUEM**

Horário: 20 h

• 28.08.2001

Verdade e vida: a teoria da prudência segundo Tomás de Aquino

Palestrante: Prof. Dr. Carlos Arthur Ribeiro
do Nascimento (UNICAMP)

Debatedor: Prof. Dr. Paulo Ricardo Martines (UEM)

Local: Auditório da **ADUEM**

Horário: 20 h

• 29.08.2001

Descartes: humanismos e humanismo

Palestrante: Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva (USP)

Debatedor: Prof^a. Ms. Patrícia Coradim Sita (UEM)

Local: Auditório do **SESC**

Horário: 20 h

• 30.08.2001

Nietzsche e o sentido da ação moral

Palestrante: Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Jr. (UNICAMP)

Debatedor: Prof. Ms. Max Rogério Vicentini (UEM)

Local: Auditório da **ADUEM**

Horário: 20 h

• 31.08.2001

Ciência e História em Descartes e Bacon

Palestrante: Prof^a. Dr^a. Maria das Graças de Souza (USP)

A moral sartriana

Palestrante: Prof. Dr. Luiz Damon S. Moutinho (UFPR)

Debatedor: Prof. Dr. Nilson N. Yamauti (UEM)

Local: Auditório da **ADUEM**

Horário: 20 h

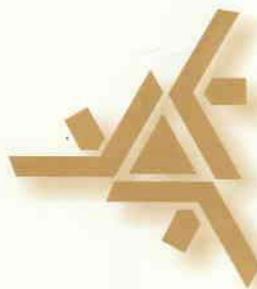
Observações:

As comunicações livres e coordenadas serão realizadas no período vespertino (às 14 h), nas salas 8, 9 e 10 do Bloco E-34 - UEM

Endereços:

Auditório da **ADUEM**: Rua Itamar Orlando Soares, 305.

Auditório do **SESC**: Av. Prof. Lauro Werneck, 531.



COORDENAÇÃO

- Prof. Dr. Paulo Ricardo Martines

COMISSÃO ORGANIZADORA:

- Prof. Dr. José Beluci Caporalini
- Prof. Ms. Max Rogério Vicentini
- Prof^a. Ms. Patrícia Coradim Sita

PATROCÍNIO:

**FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA**

APOIO:



 **CESUMAR**

COLÓQUIO DE FILOSOFIA

VERDADE E AÇÃO

A tradição ética ocidental

- Aristóteles
- Tomás de Aquino
- Bacon
- Descartes
- Nietzsche
- Sartre
- Habermas

De 27 a 31 de
Agosto de 2001



Departamento de Ciências Sociais (DCS)
Universidade Estadual de Maringá

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Departamento de Ciências Sociais

Caderno de Resumos

COLÓQUIO DE FILOSOFIA

VERDADE E AÇÃO

27 A 31 DE AGOSTO DE 2001

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Departamento de Ciências Sociais

Caderno de Resumos do Colóquio de Filosofia

VERDADE E AÇÃO

27 A 31 DE AGOSTO DE 2001

ÍNDICE

Freud, Santo Agostinho e a Origem da Subjetividade Moderna4
Nietzsche e Freud sob a sombra de Sileno.....5
Filosofia Sadiana ou Ironia da Sensibilidade Romântica6
A Formação do Signo Interindividual e o Indivíduo7
Santo Agostinho e a Questão da Verdade8
A concepção de amor no diálogo *Fedro* de Platão9
A Hermenêutica Socrática nos diálogos "Íon" e Protágoras de Platão 10
Rousseau, um crítico da civilização e do progresso? 11
Derrida e o Logocentrismo 12
A importância da relação entre Ética e Direito na análise de Henrique Cláudio de Lima Vaz 13
Crítica ao Historicismo Marxista como método científico para compreender as Ciências Sociais e do Homem, à luz da Teoria de Karl Popper..... 14
A teoria da virtude em Aristóteles 15
O sentido da prudência em Aristóteles 16
Pressupostos filosóficos do pensamento de Karl Marx..... 17
Música e Filosofia no período Pós-Guerra (1945-1968): tradição e ruptura..... 18
A Moral Cartesiana 19
As motivações fundamentais das ações humanas..... 20
Momento filosófico lítero-musical: o jovem Nietzsche ouvindo Wagner e pensando a tragédia 21

Coordenação Geral:

- Prof. Dr. Paulo Ricardo Martines

Comissão Organizadora:

- Prof. Dr. José Beluci Caporalini
- Prof. Ms. Max Rogério Vicentini
- Prof. Ms. Patrícia Coradim Sita

Patrocínio:

- FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA

Apoio:

- Universidade Estadual de Maringá
- Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
- Centro de Ensino Superior de Maringá (CESUMAR)

Secretaria DCS:

- Fernando Santiago Júnior
- Leomarcos José da Silva
- Norberto Pereira da Silva

Data: 27/08/2001	Local: Sala 08 – Bloco E-34	Horário: 14h às 15h30
------------------	--------------------------------	-----------------------

Coordenadora: Prof^a. Carla Almeida Silva

Freud, Santo Agostinho e a Origem da Subjetividade Moderna

Joselene Miriani – acadêmica do curso de Psicologia (UEM/ 2º ano) – Projeto PIC

A comunicação que apresento é parte de um trabalho de Iniciação Científica e tem como objetivo fazer possíveis aproximações entre as proposições do pensamento de Freud e Santo Agostinho. A partir da idéia de conflito psíquico, noção esta tomada da teoria freudiana, pretende-se conhecer como este tema se apresenta na obra dos dois autores através do conceito de Vontade em Santo Agostinho e de Pulsão em Freud.

A tentativa de aproximar as concepções de Freud e de Santo Agostinho surgiu após a leitura da obra *Confissões*, de Santo Agostinho, onde este autor revela-se um atento observador dos problemas que tocam a alma humana. Freud, por sua vez, exerce um papel de destaque no estudo da subjetividade humana ao empreender um estudo científico do inconsciente, ou seja, daquilo que há de mais interno no sujeito.

De modo geral, pode-se dizer que Freud e Santo Agostinho possuem vários pontos em comum. Ambos tratam de questões relacionadas ao mundo interno do sujeito e causam verdadeiras revoluções no modo de pensar de suas respectivas épocas. Santo Agostinho, preocupado com a fundamentação filosófica dos ensinamentos cristãos e fiel as tendências apolíticas do cristianismo primitivo, no sentido de um espaço não-público dos homens como havia na Grécia antiga, revela um eu interior até então desconhecido. Dessa forma, o autor rompe com o pensamento antigo. Já Freud, no final do século XIX, momento em que as idéias iluministas dominam o mundo, vai destonar a crença na razão como fonte de verdade ao afirmar que o homem é regido pelo seu inconsciente.

Nietzsche e Freud sob a sombra de Sileno

José Francisco Aguiar Ferreira Siqueira e Silva – acadêmico do curso de Filosofia (UEM/ 2º ano) – Projeto PIC

Essa comunicação propõe a discutir algumas possibilidades de um estudo comparativo entre dois autores, Friedrich W. Nietzsche e Sigmund Freud. Partimos do pressuposto de que no interior de suas obras, existem conceitos que apresentam semelhanças. Temos por objetivo, a aproximação das idéias desses dois autores a partir da análise das obras: *O nascimento da tragédia*, de Nietzsche, e *Para além do princípio do prazer*, de Freud. Deteremo-nos na análise interpretativa e comparativa de quatro conceitos centrais para a compreensão das obras em questão e para os fins que determinamos para esse trabalho. Visamos a investigação de possibilidade de aproximação dos conceitos de pulsão de vida e de pulsão de morte aos de impulsos apolíneos e dionisíaco, visto que o que Freud definiu como pulsão de vida pode ser aproximada ao conceito nietzschiano de apolíneo e o impulso pretende reduzir as idéias de um autor às idéias do outro, tampouco buscar uma possível influência, mas sim mostrar como ambos compartilham de um universo de significações que guarda traços em comum.

Data: 27/08/2001	Local: Sala 08 – Bloco E-34	Horário: 16h às 17h30
------------------	--------------------------------	-----------------------

Coordenadora: Prof^a. Carla Almeida Silva

Filosofia Sadiana ou Ironia da Sensibilidade Romântica

Virgílio Chediak – acadêmico do curso de História (UEM/2º ano) – Projeto PIC

Formulado no intuito de estabelecer uma investigação sobre os limites da crítica do Marquês de Sade aos valores morais e religiosos do seu tempo, o projeto de pesquisa *Religião e Moral no Discurso Libertino do Marquês de Sade* sofreu uma guinada em seus objetivos. Isto ocorreu pelo fato de termos nos deparado com uma questão que poderia tornar vazia qualquer conclusão que não a contemplasse em um primeiro momento, pois sua resposta poderia ser, antes de qualquer coisa o primeiro limite a se apresentar à obra. A já citada questão traduz-se na seguinte indagação: *Seria a obra sadiana uma crítica irônica por parte do marquês à filosofia de Rousseau ou mesmo ao romance sensível do séc. XVIII?* Esta comunicação vem com o propósito de apresentar a segunda parte do projeto de iniciação científica (PIBIC/CNPq), onde determinamos como novo objetivo realizar uma nova leitura da obra *“A Filosofia na Alcova”*, do escritor Marques de Sade, buscando agora levantar alguns dados que pudessem inseri-lo ou afasta-lo definitivamente do campo da ironia filosófica ou da paródia romântica.

A Formação do Signo Interindividual e o Indivíduo

André Luiz Domingues – acadêmico do curso de Letras (UEM)

O objetivo deste trabalho é levantar algumas reflexões sobre a relação dos signos na vida e no pensamento humano. Bakhtin aponta que a atividade mental do indivíduo se expressa com a ajuda dos signos e que o signo se forma no ambiente social, “os signos só podem emergir em território interindividual”. Uma vez que nesse ambiente social há indivíduos com valores diferentes, no signo confrontam-se valores contraditórios. Assim, “o ser não apenas se reflete no signo, mas também nele se refrata”. Esse movimento seria responsável pela vida do signo. Com base na proposta de Bakhtin, sobre o signo e sua manifestação no sujeito, faço leituras de sua obra e de pesquisas realizadas a partir de suas concepções sobre a linguagem e o pensamento. Essa proposta procura contribuir com o debate sobre a formação dos signos no pensamento humano.

Data: 27/08/2001	Local: Sala 09 – Bloco E-34	Horário: 14h às 15h30
------------------	--------------------------------	-----------------------

Coordenador: Prof. Nilson Nobuaki Yamauti

Santo Agostinho e a Questão da Verdade

Aparecida Marcianinha Pinto (DFE/CRC – UEM); Shirley Scoparin Paiola (CRC – UEM); Edileuza de Souza R. Micheline (CRC – UEM)

O objeto de estudo é a questão da verdade em Santo Agostinho(354-430). Para a compreensão da mesma foram realizados estudos sobre o contexto histórico, sobre a vida de Santo Agostinho e dos livros do autor: “Confissões” e “A Cidade de Deus”. Constatou-se que Agostinho redigiu diversos textos, além dos já citados, sendo que na maior parte deles tratou de problemas concretos que preocupavam a Igreja naquela época. Isto porque, com a queda do Império Romano, a religião foi um elemento que agregou diversos reinos bárbaros e seus chefes foram, gradativamente, convertidos ao cristianismo o que propiciou à Igreja a soberania da vida espiritual do mundo ocidental. Observou-se que a preocupação dos defensores da doutrina cristã era a defesa da fé cristã e o trabalho de conversão dos não-cristãos. Neste sentido, os assuntos tratados nos escritos de Santo Agostinho, principalmente em “Confissões” e “A Cidade de Deus”, são as relações entre fé e ciência, a natureza de Deus, da alma e a vida moral; a afirmação máxima de Agostinho, em contraposição ao pensamento greco-romano, é que a verdade é infundida no homem, por Deus, através da iluminação.

Data: 28/08/2001	Local: Sala 08 – Bloco E-34	Horário: 14h às 15h30
------------------	--------------------------------	-----------------------

Coordenador: Prof. Max Rogério Vicentini

A concepção de amor no diálogo *Fedro* de Platão

Nathalia B. Lima – acadêmica do curso de Filosofia (UEM/1º ano) – Projeto PIC

O tema do amor sempre foi um objeto de interesse para o homem. Na Grécia antiga, os filósofos viram no amor (*ερωζ αγαρη*), uma força unificadora e harmonizadora, que entenderam baseado no Amor sexual, na concórdia política e na amizade, tomando-se desta forma uma questão filosófica, pois lida com a verdade, pensamentos, relação entre a teoria e a prática. Estas questões foram e são discutidas ainda hoje por vários estudiosos, como Platão, onde os conceitos de *Eros* e *Philia* são centrais na reflexão ‘político-pedagógica’. Esses termos e mais aquele de *Lógos*, articula-se de forma magistral sob a pena de Platão quando utilizados por que descreve o acesso ao Bem, este entendido como fonte e norma diretriz do trabalho do filósofo. Veremos como a noção de *Eros* recebe uma atenção especial nos cinco discursos dos participantes daquele banquete recordado por Apolodoro. Nesse primeiro momento, segue-se o eixo central de nossa pesquisa que é propriamente analisar as páginas célebres do diálogo *Fedro* que retoma o tema do amor. Ao nos reportar para a questão do amor e da amizade, veremos como esses conceitos possuíam uma dimensão decisiva na cultura grega, assumindo muitas vezes o caráter de uma reflexão sobre o sentido da existência humana, de eu particular e de sua inserção na pólis.

A Hermenêutica Socrática nos diálogos “Íon” e Protágoras de Platão

José Renato de Araújo Sousa – mestrando em Filosofia Antiga – UNICAMP
(Bolsista CAPES)

O meio mais comum e imediato de definir em poucas palavras a hermenêutica é chamá-la de ‘arte e técnica de interpretação’. Palavra esta que tem suas origens no grego *hermenein*, que significa “interpretar, dar um sentido”. Platão seria um desses hermenêutas antigos das obras poéticas, ao lado dos sofistas, que muitas vezes, proclamavam-se os melhores intérpretes da arte de Homero. Scheleiermacher em “*Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*” faz uma referência aos gregos, como os iniciadores da hermenêutica, quando buscavam interpretar os seus poetas. Nesta apresentação procuraremos acompanhar um pouco da hermenêutica platônica apresentada por Sócrates nesses dois diálogos citados acima. As considerações apresentadas por Sócrates e seus interlocutores são importantes para entendermos um pouco, como os antigos faziam a exegese dos seus textos, e que conseqüências poderiam ser extraídas de uma interpretação de um texto, de um poema, mostrando assim, a preocupação deles em decifrar os enigmas de sua própria linguagem. Neste texto começamos pelo *Íon*, e depois passamos para o *Protágoras*, mostrando assim, como a questão da interpretação evolui em Platão.

Data: 28/08/2001

Local:

Sala 08 – Bloco E-34

Horário: 16h às 17h30

Coordenador: Prof. Max Rogério Vicentini

Rousseau, um crítico da civilização e do progresso?

Renato Moscateli – mestrando em História Social (UEM/UEL)

Um estudo em torno das idéias a respeito do progresso no século XVIII não ficaria completo sem considerar também a opinião do filósofo que devotou grande parte de seu esforço intelectual a refletir sobre a questão de como a natureza humana sofrera alterações fundamentais em decorrência da passagem do homem ao estágio de civilização. Jean-Jacques Rousseau, bastante conhecido por suas críticas ao artificialismo da cultura européia e por sua admiração pelas virtudes “naturais”, desenvolveu, ao longo de sua obra, uma profunda pesquisa tentando encontrar o verdadeiro caráter humano que, segundo ele, fora obscurecido e degenerado pela vida em sociedade. O presente trabalho busca discutir alguns pontos dessa pesquisa, especialmente aqueles relativos ao julgamento de Rousseau sobre a constituição da sociedade civil e suas conseqüências de um ponto de vista moral. Pretende-se, desse modo, colocar em questão a caracterização de Rousseau como um filósofo irracionalista e inimigo da civilização e do progresso que foi muitas vezes feita dele, a fim de se ressaltar a contribuição desse *philosophe* à formação de uma autoconsciência bastante crítica no Iluminismo quanto a suas esperanças no desenvolvimento da humanidade.

Derrida e o Logocentrismo

Aguinaldo Timóteo Cavalheiro de Almeida – acadêmico do curso de Filosofia (UEM/1º ano)

O filósofo Jaques Derrida tem questionado e contestado a tradição do pensamento ocidental em que a escritura tem sido consistentemente situada num papel subordinado ao da fala. A isto ele chamou de “logocentrismo”, e a forma encontrada para evidenciar esta tradição foi uma leitura cerrada e minuciosa de vários pensadores. Considerando a importância e a abrangência de seu pensamento nas várias áreas do conhecimento, pretendo apontar para esta ruptura causada pela sua teoria. Esta leitura de “margens” que o filósofo tem realizado mostrou o quanto temos agido preconceituosamente para com os textos. Nossa relação com a leitura, especialmente filosófica, é muito superficial, isso se deve ao fato de termos dado prioridade ao discurso em detrimento da linguagem escrita.

Data: 28/08/2001	Local: Sala 09 – Bloco E-34	Horário: 14h às 15h30
------------------	--------------------------------	-----------------------

Coordenador: Prof^ª. Patrícia Coradim Sita

A importância da relação entre Ética e Direito na análise de Henrique Cláudio de Lima Vaz

Peterson Raçente Camparotto – acadêmico do curso de Direito/UEM

Uma das questões muito suscitadas atualmente pelos estudiosos do Direito, é a relação entre Ética e Direito. Essa relação é enfatizada principalmente no seio da crise dos ordenamentos jurídicos na contemporaneidade. A questão é apresentada de forma brilhante nos estudos do jesuíta Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, professor da UFMG. De acordo com Lima Vaz, as leis não podem ser criadas como meras abstrações irracionais, mas como razões objetivamente explicitadas nos códigos. Segundo ele ainda, são concebidas a partir da razão cósmica, pois assim, adequar-se-iam racionalmente à concretude fática. Tal adequação permitiria a síntese entre as universalidades objetiva (das leis) e concreta (individual). Tal crise é um desafio contemporâneo. Eis a questão apresentada de forma coerente e interessante por Lima Vaz. Nosso objetivo é discutir esta análise elaborada por Lima Vaz em sua obra “Escritos de Filosofia II- Ética e Cultura”.

Crítica ao Historicismo Marxista como método científico para compreender as Ciências Sociais e do Homem, à luz da Teoria de Karl Popper

Jorge Henrique Lopes de Oliveira – acadêmico do curso de Filosofia (UEM/2º ano) – Projeto PIC

No ponto de vista popperiano, as analogias e distinções tradicionais entre ciências naturais e ciências sociais e humanas resultam de mal-entendidos muito comuns a propósito do objeto e métodos das ciências naturais. No caso, pretendemos demonstrar como partindo de pressupostos falsos, o Historicismo tenta impor este modelo às ciências sociais. A ênfase das reflexões de Marx, neste âmbito, é dada aos fundamentos históricos dessas ciências. A historicidade constitui, para Marx, um caráter essencial da própria realidade, da própria existência, e não apenas das representações dessa realidade no espírito. Toda realidade natural e social é para Marx, histórica. Esse historicismo marxista tem origem numa visão “dinâmica” da realidade e numa ontologia materialista: tudo o que existe é transformação, processo, e não somente a nossa concepção do mundo ou da realidade, mas o próprio mundo, a própria realidade, que é material e existe objetivamente. A história se configura, assim, como o ponto de vista central, unificador e totalizador. É desse ponto de vista que o objeto das diferentes ciências deve ser estudado. Esse historicismo marxista é a expressão de uma concepção ontológica e epistemológica cujos traços característicos pretendemos resumir e criticar: a) identidade entre realidade e matéria; b) o processo da realidade; c) conhecimento reflexo da realidade material; d) a praxis como critério de verdade. Por fim vamos apresentar os equívocos metodológicos do historicismo frente à abordagem popperiana de ciência e de conhecimento.

Data: 29/08/2001	Local: Sala 08 – Bloco E-34	Horário: 14h às 15h30
------------------	--------------------------------	-----------------------

Coordenador: Prof. Geovânio Edervaldo Rossato

A teoria da virtude em Aristóteles

Anny Kátia Pinto – acadêmica do curso de Filosofia (UEM/1º ano)

Iremos abordar as considerações e características gerais sobre as virtudes aristotélicas, objeto este que faz parte de um projeto de iniciação científica.

A virtude é para Aristóteles aquela conduta de nossa vontade que acolhe o justo meio, e determina essa mediedade pela razão, como costuma determiná-lo um homem prudente, a virtude é o procedimento natural e reto do homem na sua perfeição. E como a natureza específica do homem está na razão, e esta se divide em pensar e querer, resultam daí, imediatamente os dois principais grupos de virtudes: as dianoéticas e as éticas, sendo as dianoéticas principais e alcançadas pelo intelecto.

O sentido da prudência em Aristóteles

Maria Aparecida da Silveira Corsi Freire – acadêmica do curso de Filosofia (UEM/2º ano) – Projeto PIC

Esta comunicação está vinculada ao Projeto de Iniciação Científica intitulado “O sentido da prudência em Aristóteles” e visa apresentar os objetivos gerais do projeto e a primeira parte do estudo realizado. Nesta primeira etapa estudou-se a moral antiga sob o enfoque da História da Filosofia com intuito de compreender a primeira parte da *Ética a Nicômacos*, mais especificamente o primeiro parágrafo em que Aristóteles afirma “Toda arte e toda indagação, assim como toda ação e todo propósito, visam a algum bem; por isto foi dito acertadamente que o bem é aquilo a que todas as coisas visam”. Tem-se na primeira fala do autor o direcionamento de seu estudo, trabalha com a ética da finalidade em contraposição a seu mestre, Platão que defendia uma ética de valor. É preciso ainda, neste parágrafo, buscar o desvelamento da afirmativa “por isto foi dito acertadamente ...”. Esta asserção indica que antes de Aristóteles outros já defendiam a ética da finalidade sendo necessário, neste momento, averiguar quais eram e em que momento viveram.

Data: 29/08/2001	Local: Sala 08 – Bloco E-34	Horário: 16h às 17h30
------------------	--------------------------------	-----------------------

Coordenador: Prof. Geovânio Edervaldo Rossato

Pressupostos filosóficos do pensamento de Karl Marx

Valdeir da Silva – acadêmico do curso de Filosofia (UEM/2º ano) – Projeto PIC

A presente comunicação é resultado do início do Projeto de Iniciação Científica (PIC/UEM) realizado neste ano 2000/2001. Ao fazer uma primeira leitura das obras da juventude de Karl Marx defrontamo-nos com vários problemas, sendo que este estudo procurou analisar o pensamento de Karl Marx, tendo como foco central os seus pressupostos filosóficos, restringindo a pesquisa àqueles pensadores que o influenciaram diretamente, particularmente, a filosofia de Hegel. Consta-se que Marx recebe de Hegel uma gama imensa de conceitos filosóficos. Marx analisa, discute, propõe problemas e com grande habilidade e profundidade supera-os. Marx discute com Hegel os conceitos de Estado, Alienação, Dialética, filosofia e ao fazer isso ele demonstra como a filosofia foi se afastando, porque os sistemas assim exigia, das relações sociais reais, dos homens reais, dos trabalhadores (proletários) reais que produziam o “progresso” que lhes era roubado (alienado). A realização da filosofia é para Marx a realização do homem enquanto sujeitos de sua própria história. Assim a filosofia só se realiza com a realização dos homens reais, a filosofia não deve temer essas relações humanas, pois aí está a força revolucionária da filosofia a partir delas e com elas se estabelece enquanto filosofia – “práxis”.

Música e Filosofia no período Pós-Guerra (1945-1968): tradição e ruptura

Alexander Gonçalves – acadêmico do curso de Filosofia (UEM/2º ano) – Projeto PIC

Desde a idade média o pensamento ocidental considera sistemas e estruturas tradicionais que envolvem os meios de produção musical e artística, como arquétipos e “naturais”. Essa tradição tonal vem sendo aos poucos quebrada por atitudes de vanguarda, que discordam dessas formas de expressão pré-constituídas. Embora não tenha se firmado no decorrer dos tempos, a música e o pensamento serial ocupam lugar de destaque entre essas vanguardas artísticas que tentaram e tentam constantemente romper com a tradição. O pensamento serial foi analisado e discutido por várias áreas do conhecimento, que vão desde a antropologia, psicologia, sociologia, filosofia, e as artes em geral. Em oposição à tradição tonal clássica, que visava um universo definitivo, o pensamento serial postula uma nova visão de mundo, um “universo em expansão”.

Data: 29/08/2001	Local: Sala 09 – Bloco E-34	Horário: 14h às 15h30
------------------	--------------------------------	-----------------------

Coordenador: **Prof. Antônio Ozai da Silva**

A Moral Cartesiana

Célia Regina de Mello Crisóstimo – acadêmica do curso de Filosofia (UEM/2º ano) – Projeto PIC

A temática desta comunicação será o conceito de vontade em Descartes. Privilegiando como é estabelecida na arquitetura de sua obra o lugar específico da moral, compreendida a partir de seu pressuposto de que a vontade é uma faculdade cuja finalidade é produzir um ato amparado pela escolha livre, no qual a razão deve ponderar se realiza ou não determinado ato. Destacarei através de fragmentos da correspondência de Descartes com a princesa Elizabeth, especialmente as cartas de 04,18/08-01/09/1645, a formulação de um pensamento moral. Nelas veremos como o homem deve operar com a sua vontade para maior eficácia de suas ações e o que deve pretender com elas.

Esta apresentação é parte de um trabalho de Iniciação Científica sobre Descartes que comeci a desenvolver no início desse 2º semestre.

As motivações fundamentais das ações humanas

Vanessa Fontana – acadêmica do curso de Filosofia (UEM/1º ano)

As motivações das ações humanas foram avaliadas pelo filósofo Arthur Schopenhauer (1788-1860) no seu ensaio "Sobre o fundamento da moral", tendo em vista demonstrar seu fundamento moral. Conforme sua filosofia moral as motivações das ações humanas são o *egoísmo*, a *maldade* e a *compaixão* que serão o tema desta comunicação, no entanto esse é apenas um assunto que faz parte de um projeto de iniciação científica, o qual tem por objeto de estudo a moral de Schopenhauer.

As motivações serão demonstradas uma a uma e comentadas através da explicação e crítica do filósofo para cada uma delas. Explicaremos o que são as motivações e seguindo o plano do autor começaremos por explicar o *egoísmo*, passando em seguida para a *maldade* e logo após ao motivo que fundamenta as ações dotadas de valor moral, trata-se da *compaixão*.

Sendo ainda necessário uma breve consideração sobre o outro elemento que unido as motivações fundamenta a moral de Schopenhauer, sendo este a receptividade, ou ainda sensibilidade.

Data: 29/08/2001	Local: Teatro Oficina/UEM	Horário: 16h às 18h00
------------------	------------------------------	-----------------------

Coordenador: Prof. Luiz Antônio Afonso Giani

Momento filosófico lítero-musical: o jovem Nietzsche ouvindo Wagner e pensando a tragédia

Prof. Dr. Luiz Antônio Afonso Giani – professor do DCS/UEM

Nietzsche comenta o que a música de Wagner havia significado para ele e cita *Tristão e Isolda*, como expressão do "poder dionisíaco" na alma alemã: "acreditei ter ouvido nela o terremoto através do qual uma força elementar, há muito reprimida, veio finalmente à superfície...". No espaço de dois anos, ocasião em que escreve *O nascimento da tragédia a partir do espírito da música*, o jovem filósofo visita vinte e três vezes Wagner. Por sua vez, ao receber o apoio e amizade de Nietzsche, Wagner vê crescer o wagnerismo tanto como corrente musical quanto filosófica. Recuperar este sentido histórico é uma tarefa que nos obriga, a um só tempo, a ler Nietzsche e ouvir Wagner, especialmente os fragmentos de *Tristão e Isolda*, (como *Liebestod*, morte de Isolda), *Os mestres-cantores de Nuremberg* e *O crepúsculo dos deuses*, que o próprio compositor executava (ao piano), para deleite do fraterno visitante, "o mais notável de nossos amigos".